

Relações Enunciativas E Argumentativas Na Construção Do Sujeito Discursivo¹

ENUNCIATIVE AND ARGUMENTATIVE RELATIONS IN THE CONSTRUCTION OF
DISCURSIVE SUBJECT

Ivani Cristina Silva **FERNANDES**²

Resumo: O presente trabalho objetiva refletir sobre os enlaces entre noções enunciativas e argumentativas a partir do texto “Puro Lula, o mais autêntico”, de Roberto Pompeu de Toledo, publicado em 11/08/2010 na revista *Veja*. Nesse ensaio, observamos como a argumentação se estrutura a partir de uma reflexão sobre o próprio processo argumentativo, esboçando um discurso meta-argumentativo em sua essência. Tratados como um problema de ordem textual, em particular de natureza estrutural, como uma questão lógica ou como uma estratégia pragmática discursiva, os estudos argumentativos revelam sua natureza multidisciplinar. No entanto, em alguns casos, tais trabalhos negligenciam um aspecto de extrema importância: como forma e sentido se entrelaçam para esboçar a imagem de si e a do Outro. Essa discussão nos permite analisar de que modo se estabelecem a imagem de si e a do Outro, implicando a questão do *ethos* e da alteridade, em um discurso de natureza meta-argumentativa, a partir de noções teóricas presentes na Linguística da Enunciação e na Retórica, e dos pressupostos metodológicos do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989). Desse modo, tal discussão permite enfocar a importância da materialidade linguística, conjugada aos efeitos de sentido em um discurso argumentativo, como guia de uma análise sobre os mecanismos persuasivos. Além disso, ao enfocar como o locutor concebe o outro e sua argumentação, podemos observar, igualmente, como o próprio locutor se constrói no discurso e como entende o próprio processo argumentativo, esboçando o par “forma e sentido”.

Palavras-chave: Argumentação. Enunciação. *Ethos*. Efeitos de sentido.

Abstract: This paper aims at reflecting on the links between enunciative and argumentative notions from the text “Puro Lula, o mais autêntico”, by Roberto Pompeu de Toledo, published in *Veja* magazine, in August 11, 2010. In this essay, we observe how the argumentation is structured from a reflection about the argumentative process itself, outlining a meta-argumentative discourse in its essence. Occasionally, some argumentative studies only treat the text as a structural aspect, as a logic issue or as a pragmatic strategic of discourse. However, in some cases, such studies overlook an aspect of paramount importance: how form and meaning are intertwined for sketching the picture of itself and the Other. This perspective allows us to discuss ways in which the image of oneself and the Other occur, embracing the matter of *ethos* and otherness, in a meta-argumentative discourse, from theoretical concepts present in Enunciation Linguistics and in Rhetoric and methodological assumptions of Evidentiary

¹Esse trabalho foi apresentado, parcialmente, na modalidade de comunicação oral da II Jornada Semântica e Enunciação no Instituto de Estudos Linguísticos / UNICAMP, 2013.

² Doutora em Cuestiones de Lengua, Sociolingüística y Crítica Textual pela Universidade de Salamanca (2005). Professora adjunta no curso de Licenciatura Letras/Espanhol e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Endereço eletrônico: icrisifer@gmail.com.

Paradigm of Ginzburg (1989). Thereby, such discussion may focus on the importance of linguistic materiality, couple to the effects of meaning in an argumentative discourse as a guideline when making an analysis of persuasive mechanisms. Moreover, when focusing on how the speaker conceives the others and their argumentation, we can also observe how the speaker builds himself through discourse and how he understands his own argumentative process, which delineates the pair "form and meaning."

Keywords: Argumentation. Effects of meaning. Enunciation. *Ethos*.

Introdução

Convencimento, persuasão, arte, técnica. Esses quatro termos, comumente, estão implicados no momento de definir o que é argumentação. No entanto, tais palavras guardam implícitos que nos levam a um conceito fundamental, mas algumas vezes menosprezado: o Outro³. Em uma época, denominada por Bauman (2001) de modernidade líquida, a busca de afirmar a(s) identidade(s) necessariamente exige que pensemos no Outro, nessa articulação do reconhecimento "do mesmo" *versus* "do diferente".

Quando nos referimos ao convencimento e à persuasão, muitas vezes concebemos essas noções como sinônimas; contudo, em outros momentos, as diferenciamos, estabelecendo hierarquias. Como nos recordam Perelman e Olbrechts - Tyteca (1989, p. 67), a diferença entre esses termos radica no tipo de auditório (interlocutores) a que a argumentação se dirige. Deste modo, a persuasão seria o ato de argumentar que se encaminha a um auditório particular (um ou vários indivíduos aos quais nos dirigimos), enquanto o convencimento se referiria à argumentação que pretende conseguir uma adesão de todo indivíduo, possuidor de suas faculdades racionais normais (designado como auditório universal), a uma determinada ideia. Tal esboço também se relaciona à tendência de relacionar a persuasão ao ato de mudar de percepção sobre certo tema devido aos seus aspectos subjetivos; enquanto o convencimento estaria vinculado ao aspecto racional e concreto de determinado tema. No entanto, durante o processo argumentativo, persuadir e convencer são ações que não possuem limites claros e definitivos.

Por outro lado, ao nos referirmos à Arte, nos deparamos com vários conceitos difusos. Caramela (1998, p. 15-17) propõe uma série de perguntas para exemplificar o quão complexo é

³ Esse termo possui várias definições, podendo referir-se tanto à figura do interlocutor como a um elemento essencial para falar sobre o inconsciente. Segundo Lacan, em seu Seminário 11 (1979), o "Outro" pode ser entendido como um lugar, na cadeia de significante, em que o sujeito emerge. Nesse trabalho, concebemos o "Outro" como elemento que se opõe à noção de "identidade", o que permite descentralizar o "eu" e entender que o sujeito é constituído pela relação intersubjetiva do "eu versus outro". Dessa forma, a articulação entre identidade e alteridade possibilita perceber algo como "ele mesmo" e como "outro", em que o lugar da diferença nos auxilia a perceber o lugar da identidade. Ver Silva (2012).

elaborar um conceito sobre a Arte, embora haja uma relação entre Arte e estilo e Arte e História. A autora menciona que se considera tal conceito ora como “reflexo social”, ora como “expressão da personalidade do artista”, ora como “expressão do temperamento nacional, individual ou de uma época”. Seja como for, tal concepção sempre se relaciona com a visão de uma unidade que possui certas regularidades como característica. Porém, essa unidade não deixa de revelar-se a partir do homem, uma vez que, como sentencia Gombrich (1999, p. 15), “nada existe realmente a que se possa dar nome Arte. Existem somente artistas”. Por outro lado, vinculado ao conceito de Arte, temos a noção de técnica, uma vez que toda Arte implica o domínio de uma técnica. Aliás, como nos informa Chauí (2005, p. 275), a palavra “arte” provém do latim *ars*, correspondendo ao grego *tékhnē*, entendido como “toda atividade humana submetida a regras em vista da fabricação de alguma coisa”, ou seja, a técnica se relaciona com uma habilidade ou com um “aprendizado e com a prática de um ofício que possui regras, procedimentos e instrumentos próprios”, ou seja, seria “um saber prático”.

Nesse breve percurso referente às definições, pretendemos mostrar que, explícita ou implicitamente, a presença do homem e de seus atos se torna o eixo pelo qual a argumentação se desenvolverá. No entanto, esse homem emerge das tessituras do discurso argumentativo, em que as imagens do “eu” e do “Outro” se conjugam e se esboçam na organização da palavra e nos efeitos de sentido provenientes da coenunciação.

No processo argumentativo, essa construção enunciativa do sujeito é o eixo que nos orienta nesse trabalho, uma vez que a materialidade linguística, observada de forma isolada, representa pouco sem estar relacionada com o sentido. Por outro lado, a compreensão da “estrutura binária” *forma e sentido* se apresenta incompleta quando esta não é analisada sob a luz da construção do sujeito. Desse modo, o campo dos estudos da Enunciação se mostra cada vez mais produtivo no momento de lançar um olhar sobre a argumentação, privilegiando a questão de como o sujeito se constrói no texto e, conseqüentemente, concebe a presença discursiva do Outro.

Não obstante, convém destacar que uma parte considerável dos trabalhos elaborados sobre a argumentação se realiza a partir do ponto de vista da Pragmática que, em geral, concebe o sujeito como psicobiológico. Aqui temos a primeira disjunção se comparamos com a Linguística da Enunciação: o enunciador é um sujeito discursivo, ou seja, se constrói a partir do discurso e da materialidade linguística.

Cabe lembrar que, com frequência, ao pensar o sujeito no universo da argumentação, quando estamos no âmbito da Publicidade ou do Direito, nós o vemos a partir de uma

perspectiva essencialmente pragmática, às vezes extremada e imediatista, em que todo o processo argumentativo é fruto de estratégias e cálculos linguísticos. A perspectiva se torna um pouco mais sombria quando pensamos no contexto de ensino de língua materna ou estrangeira, em que a argumentação, muitas vezes, é tratada como uma série de fórmulas coesivas e sistematizadas, ou seja, como estruturas canônicas e sem relevância de textos de tendência argumentativa, em particular, do gênero acadêmico “redação”.

Atualmente, pensar na argumentação se torna primordial, em especial a todos que trabalham com a Linguagem, uma vez que presenciamos, cada vez mais, a exposição de opiniões categóricas sem justificativas e que facilmente tendem à agressão verbal ao interlocutor. Não se debatem ideias, mas sim se desqualificam os envolvidos na argumentação. Considerando os suportes atuais existentes na internet, como fóruns, *twitter*, *blogs*, entre outros, que, de alguma forma, contribuem para a exacerbação da individualidade sem reflexão e apreço pelo outro, é fundamental discutir a concepção de argumentação e de que modo estamos refletindo sobre esse ato que transforma indivíduos em homens capazes de interagir com os seus semelhantes.

Posturas conceituais: noções de argumentação e sujeito.

Antes de continuarmos com o nosso raciocínio, é pertinente apresentar algumas noções para explicitar o nosso olhar conceitual sobre a materialidade linguística. Estamos conscientes de que é um desafio abordar os conceitos de “argumentação” e “sujeito” devido à diversidade de áreas em que surgem. No entanto, considerando as especificidades desse trabalho, tentaremos concentrar-nos em alguns traços essenciais que nos auxiliem na discussão aqui proposta.

Em primeiro lugar, no que concerne às definições clássicas, se consultarmos o livro I, no capítulo II da *Retórica* de Aristóteles (2005, p. 52), a argumentação se refere à faculdade de considerar tudo aquilo que possa ser convincente, em cada caso. Tal conceito enfatiza os argumentos — entendidos aqui como dados, provas fatos — inseridos em um contexto específico. Como consequência, se destaca muito mais a capacidade de reflexão do indivíduo diante de uma dada realidade. Por outra parte, em Perelman e Olbrechts-Tyteca (1989, p. 34), o conceito de argumentação se vincula com as noções de adesão e auditório (interlocutores). Dessa forma, segundo os autores, o propósito de uma teoria da argumentação é o de estudar técnicas discursivas que suscitem ou ampliem a adesão dos indivíduos à tese. Cabe ainda destacar que, segundo a teoria perelmaniana, o âmbito da argumentação se assenta no campo do plausível, do verossímil e do provável, o que exclui a discussão do que seria verdadeiro ou certo.

Em segundo lugar, ao nos dirigirmos ao campo do Direito, uma das áreas mais tradicionais em que se analisa a teoria da argumentação, percebemos que se valoriza o encadeamento racional e o aspecto dialógico. Como articula Asensi (2010, p. 7-8), a argumentação no Direito está associada a três características fundamentais: se aplica “como critério e referencial de razoabilidade”; se desenvolve em um contexto de “valorização do diálogo” e se converte em um elemento de “transformação do Direito” ao destacar o pensamento em termos de níveis e redes e não em um pensamento dual entre extremos (como certo ou errado, lícito ou ilícito, etc.).

Em terceiro lugar, ao tentar traçar a noção de argumentação em um sentido mais pragmático e “utilitarista”, notamos que existe uma tendência em considerá-la como um conjunto de estratégias e procedimentos que permitam debater ou deliberar sobre determinada questão dentro dos padrões de civilidade e respeito com os demais interlocutores. A título de exemplo, ao observar a aproximação na introdução do livro *Argumentar em situações difíceis*, Breton (2005, p. 10) concebe a argumentação como método que “permite aplicar uma força que não provoca dominação e assim diminui a violência”, baseando-se nos princípios da “objetivação”, da “escuta ativa” e da “afirmação argumentada”.

Nesse sucinto percurso, observamos três aspectos: a valorização do interlocutor e da racionalidade, a construção de uma técnica primordialmente baseada na materialidade linguística (esteja ela assentada na modalidade oral ou escrita) e a localização de cada processo argumentativo dentro de um contexto específico.

É a partir desses três pontos que desejamos construir nossas reflexões, concebendo a argumentação como uma “coconstrução enunciativo-discursiva” em que o locutor deve refletir sobre a sua perspectiva e a do outro, com o objetivo não estrito de convencer / persuadir⁴ o interlocutor, mas o de elaborar discursivamente sua perspectiva considerando o contexto em que se encontra e a questão da multiplicidade identitária do que convencionamos nomear como pós-modernidade, entendida aqui como espaço de “aceitação do efêmero, do fragmentário. Do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade (HARVEY, 2009, p. 49).

Essa noção adotada requer uma postura diferente frente ao ensino da argumentação, em especial nos campos de língua materna e estrangeira, uma vez que vai além das abordagens tradicionais da Linguística Textual (ênfatisando a questão estrutural dos parágrafos e do texto) e

⁴ Para os fins desse trabalho, entendemos como convencimento o processo baseado em argumentos referentes ao âmbito dos fatos, dados e elementos plausíveis à realidade. Por outro lado, a persuasão se refere ao processo baseado em argumentos que objetivam provocar algum tipo de “emoção ou sentimento” ao interlocutor.

da Pragmática (que destaca a estratégia do indivíduo para ‘vencer’ a argumentação). Nesse caso, o trabalho realizado se dirige ao processo de construção de imagens do “eu” e do “outro” como configurações discursivas em uma realidade desenhada pela palavra.

No que se concerne à imagem discursiva, convém, nesse momento, abordar a noção de “sujeito”, um termo que, pela sua polifuncionalidade, também se emprega em diversas áreas, o que origina uma série de inexatidões conceituais. Basicamente, como aponta Schöpker (2010, p. 229), do ponto de vista filosófico, temos três tipos de sujeito: o lógico (o sujeito proposicional), o psicobiológico (o ‘indivíduo concreto’) e o metafísico (o eu da consciência, do espírito).

Do ponto de vista da Linguística, tampouco o quadro se apresenta conciliador, embora possamos fazer algumas correlações com as noções apresentadas pela Filosofia. Em linhas gerais, temos o sujeito psicobiológico (o sujeito falante da Pragmática), o sujeito enunciante / enunciadador (o sujeito do enunciado na Linguística da Enunciação) e o sujeito discursivo (o sujeito assujeitado da Análise do Discurso)⁵.

Entre toda essa “variedade” terminológica, nos restringimos ao campo da Linguística da Enunciação, vista por Flores e Teixeira (2005) como campo teórico que, influenciado pelas ideias saussurianas, alberga várias teorias que se dedicam, em especial, à elaboração de um pensamento sobre a enunciação na linguagem. No mesmo estudo, os autores enfatizam que o sujeito não é um objeto da Linguística, visto que tal noção envolve elementos exteriores a esse campo como os antropológicos, os psicológicos ou os filosóficos. Portanto, na abordagem enunciativa, se considera a representação do sujeito na enunciação, isto é, as marcas do sujeito no enunciado e não o sujeito psicobiológico.

Essa discussão sobre o sujeito implica questionarmos sobre a questão do *ethos* discursivo, conceito de origem aristotélica, empregado na Linguística da Enunciação e na Análise do Discurso, para designar a imagem discursiva de si, elaborada pelo próprio locutor com a finalidade de condicionar a boa realização do projeto discursivo (AMOSSY, 2005, p. 09) que, por sua vez, se vincula ao perfil de um enunciadador, à imagem do alocutário, ao tom enunciativo e à cena de enunciação (espaço instituído por um gênero e constituído por um discurso).

As noções aqui apresentadas se relacionam a uma discussão que permite focar a importância da materialidade linguística, conjugada aos efeitos de sentido, em um discurso de natureza argumentativa, como eixo pelo qual se deveria guiar uma análise sobre os mecanismos

⁵ Convém lembrar que tais esboços são traços gerais, posto que, dentro de cada campo teórico, a noção de sujeito varia conforme o autor e, inclusive, a fase em que esteja sua pesquisa. Como exemplo, temos Ducrot que concebeu três definições para o termo “enunciador” conforme o momento em que se encontrava o seu estudo. Ver FLORES, V. N. et al. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

persuasivos, o que, por sua vez, implicaria a questão da subjetividade e da construção de imagens discursivas. Esse “tecido discursivo”, cujos fios linguísticos se compõem de noções enunciativas e retóricas, é o âmago das reflexões acadêmicas que debatem a questão da Linguagem no ensino.

Uma proposta de análise: a “meta-argumentação” como elemento basilar de reflexão sobre a imagem de si e a do Outro.

Após a nossa breve exposição de noções fundamentais para nosso estudo, discutiremos sobre como as noções argumentativas e enunciativas se conjugam em uma análise e nos auxiliam na reflexão sobre a subjetividade. No entanto, antes dessa etapa, cabe explicitar alguns aspectos metodológicos.

Como guia metodológico, baseamo-nos nos princípios do paradigma indiciário ginzburgiano, que se fixa em alguns indícios na materialidade que podem levar o analista a traçar determinado fenômeno linguístico. Assim, tais traços são reconhecidos como “um saber de tipo veneratório”, determinado pela “capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diariamente” (GINZBURG, 1989, p. 152).

Para refletir sobre os enlaces entre noções enunciativas e argumentativas, tomamos nossas considerações a partir da análise do texto *Puro Lula, o mais legítimo*, de Roberto Pompeu de Toledo, publicado em 11/08/2010 na revista *Veja*⁶, em uma seção tradicional da publicação (última página), dedicada ao ensaio. Inclusive, o articulista possui esse espaço reservado quinzenalmente.

⁶Agradeço às minhas orientandas de Iniciação Científica Gabriela C. Silva, Heloísa Neuhaus, Paula Klein e Valéria Paim pelos questionamentos na análise desse texto, muitas vezes discutido durante a preparação do curso de extensão *Tramas: entre questionar e argumentar*, ministrado na Universidade Federal de Santa Maria pelo grupo de pesquisa que coordeno. Suas dúvidas e comentários foram imprescindíveis para que eu desenvolvesse as considerações e hipóteses que apresento nesse trabalho.



Roberto

Pompeu de Toledo

Puro Lula, o mais legítimo

Azar do presidente Lula que o caso de Sakineh Ashtiani, a mulher iraniana condenada a morrer apedrejada por traição conjugal, lhe tenha cruzado o caminho nesta hora de tanta boa vontade para com o Irã. Sorte de Lula por ocorrer num momento em que nada o constrange. Pode defender igualmente uma causa e a causa oposta, avançar não importa que argumento, arriscar não importa que proposta — e ainda zoar, brincar e cantarolar, no auge do maravilhamento com seus 80% de popularidade, suas supostas realizações e consigo mesmo. O puro Lula, o legítimo, o de última e mais avançada geração, emergiu nas três vezes em que abordou o caso da infeliz senhora.

Na primeira vez, soltou a tese da “avacalhão”. Ao lhe perguntarem se estaria disposto a interferir em favor da condenada, respondeu que isso não cabe a um presidente. “É preciso ter cuidado, porque as pessoas têm leis, as pessoas têm regras. Se começam a desobedecer às leis deles para atender aos pedidos de presidentes, vira avacalhão.” O mesmo argumento de respeito às leis alheias já havia sido utilizado antes



Ninguém mais entusiasmado com o personagem Lula do que o próprio Lula. Ninguém mais embalado no mito Luiz Inácio Lula da Silva do que Luiz Inácio Lula da Silva



com relação aos presos políticos de Cuba. Se as leis de cada país devem ser respeitadas, então a África do Sul teve toda a razão em manter Nelson Mandela preso, por desrespeito às leis do apartheid. E o Brasil de 1980 teve razão em decretar a prisão de um certo Luiz Inácio da Silva, dito Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, por desrespeito à Lei de Segurança Nacional.

Na segunda vez, num comício em Curitiba, aderiu à avacalhão. Anunciou que telefonaria a Ahmadi-nejad, para falar do assunto. E adiantou: “Se essa mulher está causando incômodo, nós a receberemos de bom grado no Brasil”. A inusual proposta de asilo à condenada, como se fosse integrante de um movimento rebelde, não é o único momento digno de nota na frase. Há também as distrações no modo de se expressar, do desrespeitoso “essa mulher” ao “incômodo” que ela estaria causando — quando incômodo

grande, este, sim, é o que o regime iraniano está causando à senhora Ashtiani. Lula estava nessa ocasião em seu ambiente, à vontade como costuma quando num palanque, trocando cumplicidades com o público. Terminou, caracteristicamente, com uma nota de humor, ou suposto humor, ao observar que, se também os homens fossem condenados ao apedrejamento por traição, “atire a primeira pedra, ai, ai, ai, aquele que não traiu” — e riu, e zouu, e avacalhou, e até cantarolou o samba de Ataulfo Alves ao pronunciar o “atire a primeira pedra”.

Em resposta ao oferecimento de Lula, o porta-voz do Ministério do Exterior iraniano afirmou que o presidente brasileiro é “muito humano e emotivo”, mas não está bem inteirado do caso. Se quisesse, o Irã lhe poderia passar mais esclarecimentos. Foi uma pena que Lula não tenha dado sequência ao oferecimento de esclarecimentos. O caso de Ashtiani é obscuro. Anunciou-se que ela não será mais apedrejada, mas não se revogou a sentença de morte. O crime de que é acusada já variou de relações extraconjugais durante o casamento a relações depois da morte do marido, de relações com um homem a relações com dois homens. Acrescentou-se depois que o homem, ou um dos homens, seria o assassino de seu marido. Como última novidade, introduziu-se a denúncia de que ela não responde apenas por traição, mas também por assassinato.

Se não houve pedido de esclarecimentos, houve comentário à declaração iraniana. Foi a terceira vez que Lula abordou o assunto, e o fez muito satisfeito.

Ele gostou de ser chamado de “humano e emotivo”. “Fico feliz que o ministro do Irã tenha percebido que eu sou um homem emocional. Eu sou muito emocional.” Era Luiz Inácio Lula da Silva em estado de encantamento com Luiz Inácio Lula da Silva. Ser “emotivo” (ou “emocional” — a diver-

gência fica por conta das traduções diferentes do original iraniano) é um ingrediente que cai bem na composição do personagem Lula. E ninguém mais entusiasmado com o personagem Lula do que o próprio Lula. Ninguém mais embalado no mito Luiz Inácio Lula da Silva do que Luiz Inácio Lula da Silva.

A primeira pessoa vitimada pela síndrome de se considerar Napoleão Bonaparte foi Napoleão Bonaparte. Encher-se de si mesmo pode revelar-se um desvio tão agudo quanto o desvio clinicamente mais aberrante de achar-se uma outra pessoa. Numa crônica citada na última VEJA, Manuel Bandeira referiu-se à vaidade de Heitor Villa-Lobos escrevendo: “Villa-Lobos acaba de chegar de Paris. De quem chega de Paris, espera-se que venha cheio de Paris. Entretanto, Villa-Lobos chegou de lá cheio de Villa-Lobos”. Lula é outro caso irremediável. Luiz Inácio Lula da Silva encheu-se sem volta de Luiz Inácio Lula da Silva.

150 | 11 DE AGOSTO, 2010 | veja

Segundo Costa (2008, p. 92), o ensaio é uma “prosa livre que discorre sobre tema/assunto específico (...) sem esgotá-lo”, assemelhando-se a um artigo de opinião. Em tal gênero, o processo expositivo-argumentativo predomina, tentando enfocar determinados pontos com uma visão crítica. Tal materialidade nos apresenta mecanismos que permitem discutir o fazer

argumentativo concomitantemente à construção do *ethos*, o que implica uma reflexão pormenorizada sobre a concepção do sujeito no enunciado.

O tema do texto é a essência das ações do então presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, cujo pano de fundo é o caso da iraniana SakinehAshtiani, condenada à morte em 2006 por lapidação. Segundo a versão oficial do governo iraniano, Ashtiani foi condenada por adultério e conspiração pelo assassinato do marido. O caso repercutiu negativamente na comunidade internacional e motivou várias ações dos movimentos dos direitos humanos, o que provocou a substituição da pena de morte para 10 anos de prisão, embora tal decisão não seja definitiva até a presente data.

A tese esboçada pelo ensaísta se centra na incoerência das posturas tomadas pelo então presidente, que revelava uma preocupação maior com esboço do seu mito que com a consistência e lógica de seus discursos e ações. Os conceitos de coerência, lógica e argumentação são trabalhados exaustivamente por meio da desconstrução de fragmentos argumentativos do discurso de Lula, evidenciando as inconsistências e inadequações terminológicas, os sofismas e as incongruências. Ao mesmo tempo, as formulações linguísticas organizadas pelo locutor se tornam uma espécie de exemplo de argumentação. Portanto, o referido ensaio surge como modelo e antimodelo argumentativo, o que nos permite denominá-lo como um texto “meta-argumentativo”. Além disso, como apresentaremos a seguir, as escolhas linguísticas do locutor não são de forma alguma fortuitas, mas sim produto de um trabalho de conjunção entre forma e sentido, o que vai reverter em um esboço de determinado *ethos*.

Constituído por seis parágrafos, o locutor inicia o texto com um comentário sarcástico sobre a relação do caso de Ashtiani e a posição do presidente Lula sobre o evento. Aqui já se esboça uma articulação binária por meio dos sintagmas “Azar do presidente Lula que o caso de SakinehAshtiani (...) lhe tenha cruzado o caminho nesta hora de tanta boa vontade com o Irã.” e “Sorte de Lula por ocorrer num momento que nada o constrange”. Ressalta-se o uso dos substantivos “azar” e “sorte”, os quais marcam que o mesmo fato pode revelar o melhor e o pior dessa figura pública em determinado momento histórico.

No mesmo parágrafo, o locutor apresenta a tese, enfatizando a essência do “personagem” Lula caracterizado pela incoerência de sua atitude (defender causas contrárias, prosseguir um discurso sem atenção à lógica):

Pode defender igualmente uma causa e a causa oposta, avançar não importa que argumento, arriscar não importa que proposta — e ainda zoar, brincar e cantarolar, no auge do maravilhamento com seus 80% de popularidade, suas supostas realizações e consigo mesmo. O puro Lula, o legítimo, o de última e mais avançada geração, emergiu nas três vezes em que abordou o caso da infeliz senhora.

O locutor explicita a incoerência das posições adotadas por Lula, ressaltando-a pelo uso de paralelismos e de gradações, além da presença dos semantismos de substantivos e adjetivos de carga negativa ('maravilhamento' e 'supostas'), recurso que revela a posição do locutor sobre os fatos ('o legítimo Lula' *versus* 'a infeliz senhora').

Um aspecto importante é o surgimento de uma terminologia típica da área da argumentação que, nesse parágrafo, está representada por “causa”, “argumento”, “proposta” e “abordar”. Ainda nesse parágrafo, temos a referência às três justificativas do locutor, cuja macroestrutura é baseada no argumento pragmático, em que se valoriza um acontecimento conforme sua consequência favorável ou desfavorável. No caso, os três argumentos estão relacionados com os três momentos em que Lula trata o caso da prisioneira iraniana. Inclusive, esse três fragmentos estão explicitamente identificados pelo uso dos ordenadores discursivos: “na primeira vez”, “na segunda vez” e “a terceira vez”.

No segundo parágrafo, se enfatiza o uso pela retorsão, pelo qual se retoma o argumento ou o discurso contrário para reinterpretá-lo de tal maneira que ele se volte contra o seu defensor. Ganha protagonismo o uso dos períodos condicionais que relacionam acontecimentos e hipóteses:

Na primeira vez, soltou a tese da "avacalhão". Ao lhe perguntarem se estaria disposto a interferir em favor da condenada, respondeu que isso não cabe a um presidente. "É preciso ter cuidado, porque as pessoas têm leis, as pessoas têm regras. Se começam a desobedecer às leis deles para atender aos pedidos de presidentes, vira avacalhão." O mesmo argumento de respeito às leis alheias já havia sido utilizado antes com relação aos presos políticos de Cuba. Se as leis de cada país devem ser respeitadas, então a África do Sul teve toda a razão em manter Nelson Mandela preso, por desrespeito às leis do apartheid. E o Brasil de 1980 teve razão em decretar a prisão de um certo Luiz Inácio da Silva, dito Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, por desrespeito à Lei de Segurança Nacional.

Ao articular o discurso referido, no estilo direto e no indireto, notamos que o locutor escolhe um ponto do raciocínio elaborado por Lula (a desobediência das leis nacionais) para aplicá-lo em outro contexto que, inclusive, o próprio Lula teve participação, para demonstrar que a tese do então presidente não seria lógica. Aliás, nesse fragmento, se enfatiza a questão da

racionalidade argumentativa ao nomear uma “tese” e um “argumento”. A sistematicidade e organização do discurso do locutor contrastam com a espontaneidade do discurso referido de Lula. Outro ponto é a reconstrução, pensada para justificar a tese do locutor sobre os discursos de Lula: ora em estilo indireto, oferecendo uma determinada versão dos fatos; ora em estilo direto, em que o uso das aspas dá a impressão de “fidedignidade” aos termos e estruturas utilizados que, por sua vez, serão revertidos contra o ex-presidente.

Cabe dizer que isso é uma elaboração discursiva, uma vez que o locutor desloca de contexto e modalidade os enunciados de Lula e nomeia como “avacalhação” a perspectiva do outro, possibilitando que o referido termo ganhe dois efeitos de sentido ao referir-se a dois fatos diferentes, analisados a partir de duas perspectivas igualmente opostas: Lula ao tratar de sua suposta interferência na questão iraniana e o locutor ao comentar os enunciados do mandatário.

No terceiro e quarto parágrafos, o articulista, além de seguir enfatizando o caráter de discurso argumentativo mediante o semantismo de termos como ‘aderir’ e ‘proposta’, entre outros, tem um especial cuidado no enfoque terminológico e semântico dos termos empregados em um discurso argumentativo:

Na segunda vez, num comício em Curitiba, aderiu à avacalhação. Anunciou que telefonaria a Ahmadinejad, para falar do assunto. E adiantou: "Se essa mulher está causando incômodo, nós a receberemos de bom grado no Brasil". A inusual proposta de asilo à condenada, como se fosse integrante de um movimento rebelde, não é o único momento digno de nota na frase. Há também as distrações no modo de se expressar, do desrespeitoso "essa mulher" ao "incômodo" que ela estaria causando - quando incômodo grande, este, sim, é o que o regime iraniano está causando à senhora Ashtiani. Lula estava nessa ocasião em seu ambiente, à vontade como costuma quando num palanque, trocando cumplicidades com o público. Terminou, caracteristicamente, com uma nota de humor, ou suposto humor, ao observar que, se também os homens fossem condenados ao apedrejamento por traição, "atire a primeira pedra, ai, ai, ai, aquele que não traiu" - e riu, e zou, e avacalhou, e até cantarolou o samba de Ataulfo Alves ao pronunciar o "atire a primeira pedra".

Nesse parágrafo, em tom professoral, o locutor discorre sobre as inadequações semânticas, revelando o peso argumentativo e os preconceitos implícitos embutidos em cada termo. E o próprio locutor faz uso desse artifício e não só critica explicitamente o discurso do outro, como também o faz implicitamente, por meio da escolha de adjetivos e substantivos, inciso em lugares precisos, o emprego enfático do mecanismo de definição, a retorsão de algumas palavras, entre outros.

O locutor expõe, diretamente, a sua visão sobre o caso apenas na segunda metade do quarto parágrafo, em que, mediante uma sequência narrativo-explicativa, censura as

incongruências do caso, com o uso de mecanismos de impessoalidade e de ênfase aos fatos, como o emprego da passiva sintética:

O caso de Ashtiani é obscuro. Anunciou-se que ela não será mais apedrejada, mas não se revogou a sentença de morte. O crime de que é acusada já variou de relações extraconjugais durante o casamento a relações depois da morte do marido, de relações com um homem a relações com dois homens. Acrescentou-se depois que o homem, ou um dos homens, seria o assassino de seu marido. Como última novidade, introduziu-se a denúncia de que ela não responde apenas por traição, mas também por assassinato.

No quinto parágrafo, se apresenta o último argumento em se expõe, além do problema dos efeitos das palavras, a questão do desmembramento entre o personagem e o indivíduo na figura do ex-presidente, destacado pelo emprego da tautologia em que supostamente se repete o mesmo conceito, porém com sentidos diversos:

Se quisesse, o Irã lhe poderia passar mais esclarecimentos. Foi uma pena que Lula não tenha dado sequência ao oferecimento de esclarecimentos (...) Se não houve pedido de esclarecimentos, houve comentário à declaração iraniana. Foi a terceira vez que Lula abordou o assunto, e o fez muito satisfeito. Ele gostou de ser chamado de "humano e emotivo". "Fico feliz que o ministro do Irã tenha percebido que eu sou um homem emocional. Eu sou muito emocional." Era Luiz Inácio Lula da Silva em estado de encantamento com Luiz Inácio Lula da Silva. Ser "emotivo" (ou "emocional" - a divergência fica por conta das traduções diferentes do original iraniano) é um ingrediente que cai bem na composição do personagem Lula. E ninguém mais entusiasmado com o personagem Lula do que o próprio Lula. Ninguém mais embalado no mito Luiz Inácio Lula da Silva do que Luiz Inácio Lula da Silva.

Nesse fragmento, temos a finalização da ideia de construção do mito que, por sua vez, se conecta com o título. Novamente observamos os efeitos de sentido dos adjetivos “puro” e “legítimo” que tanto podem relacionar-se com a hipótese de que a essência de Lula é caracterizada pela incongruência no plano da unicidade, como também se pode argumentar que o “puro e legítimo” não passa de um mito construído pela figura pública e pelo indivíduo. De qualquer forma, esses termos tomam uma proporção que amplifica a questão da incoerência argumentativa e da imagem do sujeito que emerge no e pelo discurso.

No último parágrafo, mediante o argumento por analogia e as tautologias, o locutor pretende ilustrar a tese defendida, encerrando o circuito argumentativo iniciado pela referência do título mencionado e desenvolvido durante vários fragmentos do texto:

A primeira pessoa vitimada pela síndrome de se considerar Napoleão Bonaparte foi Napoleão Bonaparte. Encher-se de si mesmo pode revelar-se um desvio tão agudo quanto o desvio clinicamente mais aberrante de achar-se uma outra pessoa. Numa crônica citada na última VEJA, Manuel Bandeira referiu-se

à vaidade de Heitor Villa-Lobos escrevendo: "Villa-Lobos acaba de chegar de Paris. De quem chega de Paris, espera-se que venha cheio de Paris. Entretanto, Villa-Lobos chegou de lá cheio de Villa - Lobos". Lula é outro caso irremediável. Luiz Inácio Lula da Silva encheu-se sem volta de Luiz Inácio Lula da Silva.

Na verdade, todo o processo argumentativo poderia se revelar como um macroargumento de dissociação, visto que existe um desafio de separar o que seria a essência da aparência, a imagem discursiva do indivíduo, a lógica da falácia.

Durante todo o texto, observamos o emprego de uma série de mecanismos conjugados, tanto pertencentes à Argumentação como à Linguística da Enunciação, que demonstram a pertinência da construção do discurso vinculado à imagem dos interlocutores. Dessa forma, se pensamos que, segundo a perspectiva de quem analisa o processo argumentativo, ao construir e/ou desconstruir imagem do outro (no caso, da figura de Lula), o enunciador acaba esboçando a sua própria: um sujeito cujo *ethos* se caracteriza pelas escolhas terminológicas precisas, pela meticulosidade argumentativa e pelos encadeamentos metódicos, o que resulta um tom didático, “ácido” e sarcástico. Lembremos que a premissa do texto está ancorada na construção de imagens discursivas, em que nem sempre as palavras se articulam coerentemente com as ações.

Em síntese, vemos uma articulação entre sentido e formas linguísticas. Por uma parte, tratando da combinação dos mecanismos linguísticos, temos os semantismos e posição de adjetivos; os semantismos dos substantivos; o emprego da terminologia própria da área da argumentação, o emprego do discurso referido (discurso direto e discurso indireto); os usos de períodos condicionais; a inserção de incisos; a presença de paralelismos sintáticos e gradações, entre outros. Por outra, esses mecanismos se relacionam com outros processos de construção de argumentos frequentes nos estudos retóricos, tratados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1989) e retomados por Reboul (2004). A seguir, sistematizaremos os principais aqui encontrados:

- *Argumentos quase lógicos*: o argumento de retorsão (retomada do argumento do oponente, evidenciando que pode ser aplicável contra ele próprio); a tautologia (emprego do mesmo termo em uma definição, mas com sentidos diferentes); a autofagia (apresentação do argumento contrário como insustentável por si mesmo); o argumento pelo ridículo (demonstração da incompatibilidade pelo riso); a definição (estabelecimento de identidade entre o que é definido e o que se define, impondo determinado sentido favorável à tese).

- *Argumentos fundados na estrutura do real*: a causalidade (apresentação de sucessão de fatos, inferindo deles um nexo causal); o argumento pragmático (apreciação de um ato em função de suas consequências favoráveis ou desfavoráveis).

- *Argumentos que fundamentam a estrutura do real:* a analogia (construção de um raciocínio plausível por meio de uma semelhança de relações).

- *Argumento por dissociação de noções:* aparência *versus* essência.

A análise desse texto nos oferece indícios muito precisos de que o trabalho com a argumentação não se reduz a uma questão de estratégia ou de estrutura, pois é uma coconstrução em que, em um processo consciente ou inconsciente, as imagens discursivas se entremeiam. Apesar de que tal texto tenha sido modular para mostrar os processos inerentes à argumentação, podemos buscar as marcas desses processos em qualquer materialidade de tendência argumentativa, na condição de que o analista tenha questões basilares que norteiem o seu olhar, tais como: de que maneira forma e sentido se conjugam nessa materialidade para que o texto “signifique” nesse contexto? Como os *ethé* se esboçam em tal materialidade e quais os efeitos? De que forma o amálgama forma e sentido nos auxilia na reflexão da constituição do homem como emergente na e pela linguagem?

Por outro lado, baseando-nos em Greimas e Courtes (1979, p. 125), ao nos referirmos ao sujeito da enunciação, incluímos tanto o enunciador como enunciatário em um jogo de construções e imagens. Toda enunciação é um fenômeno de construção de sentidos compartilhados e elaborados conjuntamente. Esse processo requer que o sujeito, ao emergir da linguagem, questione sobre sua identidade e alteridade. O que é seu que pertence a todos e o que é do Outro que faz parte de si no universo da palavra. Nesse jogo de imagens e reflexos, os sentidos aparecem sempre como únicos, ainda que estejam no contexto do mesmo, da estrutura estável da língua.

Desse modo, na materialidade analisada, ao discutir sobre o processo argumentativo do outro e, posteriormente, sobre a imagem que faz de si, o locutor explicita, quase didatiza, os mecanismos como articula a sua imagem e o processo argumentativo. Os efeitos de sentido provenientes dessas junções e disjunções de imagens possibilitam pensar sobre a natureza da argumentação e de sua relação intrínseca com a emergência de um sujeito que se posiciona, que assume um lugar discursivo nesse mundo (re)criado na linguagem. Esse caráter de articulações de imagens e argumentações é que nos permite nomear esse texto como meta-argumentativo, enfatizando sua relevância na discussão sobre o par “forma e sentido”.

Ao discutir sobre os efeitos de sentido na materialidade linguística, é necessário refletir sobre a diversidade, sobre a subjetividade na linguagem, sobre as formas de dizer e de silenciar e, enfim, sobre a natureza do sujeito que emerge da língua. Ao abordar essas questões, também podemos pensar em como também concebemos o outro na linguagem e de que maneira ele

emerge de nossa enunciação e se concretiza no nosso enunciado. Dessa forma, os aspectos pragmáticos e enunciativos, embora tenham perspectivas diferentes em torno da concepção do sujeito, nos proporcionam perspectivas a partir das quais podemos entender os efeitos de sentido como um fenômeno amplo, único e complexo, fenômeno esse que também nos constitui.

Talvez isso seja o principal desafio da nossa época na discussão sobre os processos argumentativos: perceber a língua como fenômeno que auxilia o indivíduo na concepção de si e do Outro. A materialidade da língua não seria um “instrumento” articulador de uma simples estratégia para “vencer” ou “subjugar” o outro, mas sim uma ponte que aproxima o que é mais essencialmente humano na relação entre os homens, reconhecendo no diferente o familiar que existe em nós.

Considerações finais

Ainda que a Pragmática e a Linguística da Enunciação sejam âmbitos em que se discutem a questão dos sentidos, do dito e das marcas do sujeito, muitas vezes suas relações não estão claras. Não existe sentido ou forma pré-concebidos, mas sim uma coconstrução em que interlocutores acordem esse significar para que eles próprios renasçam na e pela língua a cada momento da enunciação. Dessa forma, a palavra se torna um espelho em que cada um vislumbra, na construção da alteridade, os traços mais essenciais de si no processo contínuo de argumentar, pois esse fenômeno não é simplesmente uma estratégia, mas sim uma característica inata da natureza humana.

Portanto, ao refletir sobre a argumentação, é basilar questionar as formas como se esboça o *ethos* e, conseqüentemente, como se estabelecem os “jogos de imagem”, isto é, as articulações entre as imagens de si, dos interlocutores e das imagens que se imagina que os interlocutores fazem do locutor. A partir dessas articulações, os efeitos de sentido na materialidade linguística se tornam um desafio para o analista, superando as observações de caráter mais estrutural relacionadas ao exame de um texto argumentativo.

Com essas reflexões esperamos que o nosso trabalho possa contribuir para ampliar o interesse na realização de outros estudos, os quais aportem mais reflexões significativas no momento de conceber a argumentação como inerente ao ação humana de se (re)criar no e pelo discurso.

Referências

- AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. 1ª ed. 6ª reimp., Madrid: Alianza Editorial, 2005.
- ASENSI, Felipe Dutra. *Curso prático de Argumentação jurídica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BRETON, Philippe. *Argumentar em situações difíceis*. Barueri, SP: Manole, 2005.
- CARAMELLA, Elaine. *História da Arte*. São Paulo: EDUSC, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13ª ed., São Paulo: Ática, 2005.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento. et al. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e historia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMBRICH, Ernest Hans. *A História da Arte*. 16ª ed., Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.
- GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTES, Joseph. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2009.
- LACAN, Jacques. O sujeito e o outro (I): a alienação. In: *O SEMINÁRIO — Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979. Cap.XVI, p.193-204.
- PERELMAN, Chaïm.; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de la argumentación. La nueva retórica*. 1ª ed. Madrid: Gredos, 1989.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Puro Lula, o mais legítimo*. *Veja*: revista semanal de informações gerais. São Paulo, ano 2010, ed. 2177, p. 150, 11 ago. 2010.
- SCHÖPKER, Regina. *Dicionário filosófico: conceitos fundamentais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SILVA, Franklin Leopoldo. *O Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Recebido em 07/2014.

Aceito em 08/2014.